

Lições de nossa prática: um olhar crítico sobre a participação no núcleo de estudos sobre Paulo Freire

Lúcio Jorge Hammes
UNIPAMPA

Introdução

Já faz um bom tempo que eu tive o meu primeiro encontro com a proposta de educação de Paulo Freire. Foi durante minha primeira Semana Pedagógica na FAFIMC (1986) de Viamão. Logo depois li o livro “Pedagogia do Oprimido” e a partir daí tenho Freire como uma das grandes referências da minha vida.

Freire me encanta pela sua proposta de educação que valoriza a pessoa humana como sujeito da educação. Educandos e educadores sabem e aprendem na relação de saberes. Este processo é dialético e somente acontece quando há partilha de aprendizados.

O método proposto Freire parte de uma atitude de humildade e com muita responsabilidade. Acolhe o saber do outro e valoriza a sua participação. Mas também estuda e aprofunda o aprendizado desenvolvido na relação. Por isso, a importância das elaborações teóricas (com a colaboração de outros autores), destacadas por Freire com práxis, que une teoria e prática.

Para conhecer um pouco mais este educador foi criado na Unipampa em Jaguarão o Núcleo Paulo Freire, organizado com educandos e educadores, com a ênfase nas “Lições da nossa prática”, nome dado ao Núcleo.

Com a proposta freireana buscamos nos educar para sermos coerentes, valorizando a participação de todos em uma relação dialógica que procura unir teoria e prática. Outra perspectiva importante é a valorização da autenticidade em que a prática está em sintonia com teoria. Neste sentido, a educação busca se fundamentar no primado do vivido sobre o enunciado, onde as vivências se constituem o próprio conteúdo, questão metodológica central que une fins e meios.

Esta comunicação traz a efetivação e a experiência do Núcleo “Lições da nossa

prática” organizado em Jaguarão, RS. Descreve objetivo e princípios, relacionando-os com os resultados de uma pesquisa desenvolvida junto a grupos juvenis, na perspectiva da formação cidadã através do *empowerment*¹ juvenil.

A organização do Núcleo

O Núcleo de Estudos Paulo Freire – Lições de nossa prática – nasce a partir de diferentes interesses que aproximam educadores que desenvolvem processos educacionais na região da fronteira Brasil/Uruguai. Propõe constituir-se em espaço permanente de discussão que possibilite o intercâmbio de experiências práticas no campo de estudos freireanos.

Com o Núcleo propõe-se a desenvolver experiências dialógicas entre o universo acadêmico e os movimentos populares organizados na cidade e região, a partir de práticas de intervenção que qualifiquem ambos os sujeitos no processo de ensinar e aprender. Tais vivências possibilitam “dizer a sua palavra” e abrem horizontes no sentido de permitir aos atores a inserção em outros espaços.

A partir da experiência (e aprendizados) prevê-se a participação em fóruns, encontros, e seminários para socializar os conhecimentos construídos com outros atores em um processo que está por assim dizer sempre “inacabado”.

Através deste espaço busca-se promover estudos, pesquisas e a troca de saberes oriundos dos mais diversos sujeitos sociais que trabalham na perspectiva de emancipação dos grupos populares. Pretende ser um lugar de diálogo, de encontro de saberes, de construção de lições em que o aprender e o ensinar estejam em intenso movimento. Um espaço em que a pessoas se colocam em atitude de humildade para aprender com o outro, pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo

¹ Como oficialmente não existe o termo *empoderamento* na língua portuguesa que poderia expressar o correspondente inglês, *empowerment* –, conceito que toma emprestado noções de diferentes campos de conhecimento e tem suas raízes nas lutas pelos direitos civis (negros, mulheres, estudantes) e na ideologia da “ação social”, presentes nas sociedades dos países desenvolvidos na segunda metade do século 20 – prefiro usar o termo *empowerment* (original e em grifo), incluindo toda riqueza desta categoria como a horizontalização, socialização e descentralização do poder entre os cidadãos e o reforço da cidadania. O processo do *empowerment* inclui a conscientização e a participação com determinado grupo ou ao conjunto de uma sociedade, ou seja, a conquista da condição e da capacidade de participação, inclusão social e exercício da cidadania. Para Shor e Freire (1986) *empowerment* significa: “A) dar poder a, B) ativar a potencialidade criativa, C) desenvolver a potencialidade criativa do sujeito, D) dinamizar a potencialidade do sujeito”.

mundo” (FREIRE, 1985). Além disso, sabemos que “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1996, 55).

Durante os dias 24 e 25 de outubro foi realizado um Seminário “Lições da nossa prática”, enfatizando as leituras de Paulo Freire, desenvolvidas na região para proporcionar à comunidade aos acadêmicos um encontro com a prática e a reflexão sobre um dos expoentes da educação brasileira e a divulgação de pesquisas e experiências sobre as temáticas da educação popular. Através de conferências e exibição de filmes, articuladas com as experiências de educação popular e em diálogo (debate) com os participantes, propunha-se divulgar os resultados de pesquisas realizadas pela UNIPAMPA sobre as temáticas abordadas, aproximar pesquisadores e estudantes em torno das temáticas freireanas, incentivando estudos e pesquisas sobre educação popular. Além disso, objetivava-se estabelecer vínculos com outros núcleos de pesquisa e grupos populares da região e capacitar acadêmicos e comunidade para a atuação nos meios de educação formal e não-forma.

A proposta é tornar o Núcleo em círculo de cultura, praticando aquilo que deseja inspirar, uma comunidade de revisão da prática, formação e ação. No Núcleo buscar-se-á aprofundar as vivências, experiências desenvolvidas individualmente e comunitariamente, confrontando-as com a proposta de educação apresentada por Freire, relacionadas com as exigências sociais do contexto. Neste processo o próprio Núcleo atualiza seus referenciais teóricos e metodológicos.

A importância do grupo para o exercício da cidadania

O exercício da cidadania requer condições básicas como o reconhecimento dos direitos e as condições para usufruí-los. Além disso, o próprio paradigma cidadania está em movimento, sendo exercido especialmente através como *empowerment* em grupos e organizações de relações organizadas por relações horizontalizadas (em oposição às relações hierárquicas).

Em uma pesquisa desenvolvida na Unisinos (Hammes, 2005) junto a Rede em Busca da Paz (EBP)², Pastoral da Juventude Estudantil (PJE)³ e Movimento dos Sem Terra (MST)⁴

² A Rede Em Busca da Paz, com sede em Santa Cruz do Sul, constituiu-se em uma ONG voltada

constatou-se que a formação de lideranças e o protagonismo juvenil são princípios importantes, desenvolvidos na metodologia de grupos. Tais organizações concebem o grupo como oportunidade de amadurecimento e crescimento e propõem oferecer aos jovens espaços de convivência, subsídios, contatos com pessoas qualificadas para o trabalho juvenil e uma estrutura mínima para o acompanhamento do processo de formação da juventude. Ainda que cada organização tenha seus objetivos, o princípio pedagógico que orienta sua proposta é o protagonismo juvenil e a formação de lideranças.

Através da metodologia das entrevistas em profundidade (com jovens egressos dos grupos juvenis), os entrevistados afirmaram que a liderança nos grupos era exercida de *modo participativo*, com a *escolha de uma equipe de coordenação* de modo *democrático*, com uma *assessoria e a coordenação geral*, por meio do *rodízio de liderança*, representações e da participação de todos. Em seus depoimentos revelam também particularidades de cada grupo, como mostra a Tabela abaixo.

Exercício da liderança nos grupos juvenis (%)

O exercício da liderança	Organização			Total
	PJE	MST	EPB	
De forma participativa	13,6%	35,7%	22,7%	22,4%
Por uma equipe de coordenação	31,8%	7,1%	18,2%	20,7%
De modo democrático	18,2%	21,4%	22,7%	20,7%
Com um(a) assessor(a)	13,6%	-	22,7%	13,8%
Com a participação de todos	-	28,6%	4,5%	8,6%
Com o rodízio da coordenação	22,7%	7,1%	4,5%	12,1%
Com anotações em atas	-	-	4,5%	1,7%
Total da coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Número de respostas	22	14	22	58*

Fonte: Hammes, 2005, p. 169.

* n=27 (enquadramento múltiplo nas categorias da variável “o exercício da liderança”)

Parece que o alcance dos objetivos e das ações desenvolvidas nos grupos se concretiza com a formação e o exercício da liderança nas organizações em que participam e nas redes

para a construção de uma cultura de paz, de promoção dos direitos humanos e assume a não-violência como estilo de vida e metodologia de ação. O grupo pesquisado desta organização foi Jovens Unidos Pela Paz de Santa Cruz do Sul, integrado por jovens entre 12 e 28 anos.

³ A Pastoral da Juventude Estudantil é organizada por, com e para os estudantes do Ensino Fundamental e Médio para que desempenhem a missão: “construir uma sociedade justa e fraterna, buscando transformações a partir da sala de aula”. Os entrevistados são da PJE de Sapucaia do Sul – jovens entre 13 e 27.

⁴ O Movimento dos Sem Terra surge em função da reforma agrária no dia 7 de setembro de 1979 em Ronda Alta (RS). Neste Movimento, “a juventude, de fato pode ser a força determinante dentro do MST, assumindo as tarefas de liderança que já são distribuídas dentro das instâncias” (BOGO, 1999, p. 90). Os jovens entrevistados foram do assentamento da Fazenda Quinta de Encruzilhada

que vão construindo.

Esse processo de formação que tem presente a participação protagônica da juventude contribui para formar grupos e lideranças capazes de ter sucesso em outras ações que propõem, capacitando seus participantes a atuar na realidade social de forma organizada e coletivamente que, conforme Freire (1985), não existe por acaso, como também não se transforma por acaso.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se entregam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita a um nível puramente intelectual, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas que esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.

Para Freire, práxis é uma atividade com a qual os indivíduos criam cultura e sociedade, formando pessoas com consciência crítica, por intermédio do ciclo da ação-reflexão-ação. Esta proposta, unindo teoria e prática marcou profundamente as organizações voltadas para a conscientização e a libertação de pessoas e grupos a partir dos anos 60. As características da práxis incluem autodeterminação, intencionalidade, criatividade e racionalidade, reconhecidas como centrais para o *empowerment* das pessoas. Por isso, segundo Freire “a libertação autêntica é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (1985, p. 58).

Segundo Gohn (2004) o significado e o resultado do uso da dimensão do *empowerment* não têm um caráter universal podendo promover e impulsionar grupos e comunidades – crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas como poderá promover a integração dos excluídos e carentes de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc. O conceito inclui o aumento do poder e da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais. Becker (2004) observa que o *empowerment* é importante para a redução da iniquidade, para promover a saúde e a qualidade de vida e “contribui para o surgimento de um tecido social fortalecido pelas interações que promove, evidenciadas pelo caráter dialético e contraditório presente em todas as relações sociais e essencialmente confere poder ao sujeito social envolvido” (p. 657).

Conforme alerta Freire (1985), entretanto, na sociedade latino-americana, o tecido social a ser fortalecido se identifica com classe social, pois o *empowerment* individual ou o *empowerment* de alguns não é o suficiente, embora fundamental para a transformação radical da sociedade. Este educador compreende o *empowerment*, “como *empowerment* de classe social. Não individual, nem comunitário, nem meramente social, mas um conceito de *empowerment* ligado à classe social” (Shor e Freire, 1986)

Para identificar o *empowerment* desenvolvido nos grupos juvenis, problematizamos nos Grupos de Foco, as predisposições dos jovens e suas ações em relação à temática participação e *empowerment*. O estímulo que contribuiu para orientar o debate foi: “O poder é essencial a todas as coisas vivas”. Os entrevistados reagiram, afirmando que “sentir-se capaz é bom, pois para buscar qualquer coisa, temos que ter a confiança” e “todos temos um poder muito grande, como a capacidade de sair e fazer alguma coisa a mais”. Destacaram que nos grupos em que participam *não há aqueles que são maiores: é um poder compartilhado* – no caso de escrever a ata, se alguém não tem como fazer é pedido para que um outro assuma. E sentem que têm poder ao participar de ações como “jejuns pela paz”, “manifestações contra o aumento da passagem escolar”; “participação nas reuniões da comunidade”, entre outras.

Ao serem questionados sobre a finalidade das manifestações que desenvolveram, os entrevistados responderam que: “A preocupação era social, para o benefício de todos”; “o objetivo era chamar a atenção da mídia para mostrar que não queríamos mais tanta violência”; “conseguir melhores condições para as crianças”; “conseguir diminuir o valor da passagem porque muitos jovens já não conseguem estudar”. Além disso, afirmaram: “com a participação a luta se renova”, e “nós nos sentimos bem, participando”.

Gadotti (2002), ao refletir a respeito de uma educação da juventude orientada para o *empowerment* e a formação de lideranças, destaca a importância dos jovens serem ouvidos em suas demandas, referindo o papel de mediação do educador na tradução dessas demandas. O autor chama a atenção para a necessidade de participação dos jovens em todas as esferas da ação educativa – do planejamento à execução e avaliação das ações – e de seu papel como atores e autores de projetos que busquem problematizar e comparar realidades distintas das suas, a fim de que possam exercer um papel protagônico na sua escola, na comunidade e na sociedade mais ampla.

No entendimento de Gadotti (2002), o jovem é apático quando o protagonismo juvenil é de “padrão” adulto, isto é, quando são pessoas do mundo adulto que atuam junto com os

jovens a partir da perspectiva do adulto e não são os jovens que fazem de maneira autônoma a partir da sua perspectiva.

Educação e cidadania a partir de Paulo Freire

Na perspectiva freireana, a cidadania só é possível desde a premissa de que todos e todas possam dialogar em igualdade de condições. A participação popular, pressuposto de uma sociedade democrática exige que homens e mulheres possam estar instrumentalizados para um posicionamento consciente em suas escolhas. Isso equivale a afirmar que a todos os sujeitos deve ser dado o direito a informação e aos conhecimentos necessários para “dizer a sua palavra”.

Freire desenvolve a noção dos círculos de cultura, que contribui para o desenvolvimento dos círculos de cultura de paz. Os círculos de cultura encontram sua referência básica no diálogo, entendido como um elemento essencial no processo educativo, uma vez que responde à exigência radical das pessoas que não podem se construir fora da comunicação. Conforme Ernani M. Fiori

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há um professor, há um coordenador que tem por função dar as informações solicitados pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica de grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta ao curso do diálogo (FREIRE, 1985).

Os círculos de cultura aparecem como uma escola diferente, onde se discutem os problemas dos educandos e o educador. Portanto, não pode existir o professor tradicional (bancário) que tudo sabe, nem o aluno que nada sabe. Tampouco podem existir as lições tradicionais que só vão exercitar a memória dos estudantes. O círculo de cultura é um lugar – debaixo de uma árvore, na sala de uma casa ou na escola – onde um grupo de pessoas se reúne para aprender mais, dialogando sobre seu trabalho, sobre a realidade local e nacional, sua vida familiar, etc. No círculo de cultura os grupos que se reúnem aprendem a ler e escrever, ao mesmo tempo em que aprendem a “ler” (analisar e atuar) sua prática.

O processo de aprendizagem proposto por Freire é aquele em que todos aprendem na comunhão de saberes, na dinâmica dos círculos, onde o educador é um animador, aquele que ajuda a descobrir e fixar conhecimentos, assumindo a postura de aprender e ensinar, numa relação dialógica. É uma proposta diferente das “aulas bancárias”, em que o professor é

aquele que sabe e ensina, possibilitando o acesso à palavra aos mais oprimidos, pois Freire tem a convicção de que o oprimido tem o germe da libertação, podendo até libertar o opressor. Com a aprendizagem e num processo de *empowerment*, os oprimidos podem desencadear um processo de libertação de todas as pessoas de todas as formas de opressão.

O atual momento histórico requer a união de forças e a organização das perspectivas (horizontes). Por isso, o grupo adquire novo sentido, tornando-se espaço de partilha e de sustentação para o trabalho coletivo. Facilita aprendizados e desenvolve a cidadania entre participantes, como também, das pessoas com quem trabalha.

Referências

BECKER, Daniel; EDMUNDO, Kátia; NUNES, Nilza Rogéria et al. **Empowerment and participatory evaluation: lessons from a territorial health promotion program.** Ciências da saúde coletiva, p. 655-667, V.9, n.3.July/Sept. 2004.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra.** Salvador: Memorial das Letras, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. **Protagonismo juvenil: alguns aspectos teórico-metodológicos.** Fórum da Educação, 2002. Disponível em: <http://www.forumeducacao.hpg.ig.com.br/ecopedagogia/Protagonismo.htm>. Acesso em: set. 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação popular na América Latina no novo milênio: impactos do novo paradigma.** ETD – Educação Temática Digital. V.4, n.1, 2004, p. 53-77.

HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis.** São Leopoldo, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2005.

SHOR, Ira & FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Trad. de Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.